

REIKDAL; Cleverton¹, PINTO; Ileziane da Silva Pinto², LOPES; Ronald³

RESUMO

O presente trabalho se inscreve na seção temática Direitos Humanos: Violações e Aplicações na Amazônia e tem o objetivo de pensar através de revisão bibliográfica uma saída da discriminação estrutural promovida pelo discurso do “nós contra eles”. O conceito de dor amazônica enquanto alicerce político democrático foi mobilizado para discutir essa saída e apontou para a relevância da pesquisa. A discriminação estrutural conduz a uma ideia de que todas as pessoas são merecedoras de lugares pré-determinados. A ausência ou a exclusão da pluralidade nos espaços públicos é uma consequência naturalizada do processo meritório e não uma violência discriminatória. Diferentes manifestos dos corpos desobedientes vêm oportunizando a compreensão de que algumas pessoas são tratadas como inimigas. Essa criação de manifestos designa, mas não cria, o ‘outro’ e o ‘eu’. Nesse processo textual ocorre uma declaração expressa de que os “outros” são vistos como ‘eus extermináveis’. Segundo Sueli Rolnik, os “outros” são caracterizados como inimigos perigosos devido a uma política de subjetivação promovida por regimentos militares, brancos, classistas, capacitistas, urbanos, machistas, sexistas e nacionalistas. Esses discursos enfatizam a ideia de que os ‘eus extermináveis’ querem roubar nossas terras, nossas riquezas minerais, empregos, destruir nossas famílias e tomar nossas vagas nas universidades. Essa governamentalidade de “eles e nós” dentro de uma perspectiva progressista não deve ser estimulada, pois ela produz violências contra o nós, que é a confluência de todos os ‘nossos eus’. O diferente não deve ser considerado perigoso ou um estrangeiro em nosso próprio reino. Para nos tornarmos “nós”, precisamos de uma estrutura cultural, política e econômica que proporcione um território seguro, na escola, no trabalho, em todos os aspectos da vida cotidiana para todos os ‘eus’. Considerando a perspectiva republicana e democrática com objetivo de transformação social na redução das desigualdades, é urgente que tais questões sejam tratadas como políticas públicas para a manutenção da estrutura de organização a que o Estado brasileiro se propõe ser e se estabelecer. Ainda que constitucionalmente definido como tal, sabemos que a garantia de direitos fundamentais e sociais, assim como o usufruto efetivo dos direitos à educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social são constantemente ameaçadas diante às políticas de austeridade articuladas e pautadas pelo mercado e pelas ideologias conservadoras neoliberais. A construção de uma governança segura deve superar o pacto da branquitude, o regime político da heteronormatividade e a naturalização do corpo completo como saudável. O fracasso de Mombça, Halberstam e Preciado, não é o do mérito, mas é a da episteme ontológica de que há um corpo e comportamentos ideais que nos conduzem a acolher nosso suposto lugar pela meritocracia. O fracasso, atribuído a determinados corpos, devasta subjetividades e cria fonte constante de política do ódio e da inimizade, logo, extermínio do diferente. Se hoje estamos nesse lugar é porque existe uma representação orientada no homem, branco, eurocêntrico, universal. Até mesmo em situações menos revoltosas, algo semelhante clama por atenção. Em uma obra escrita recentemente, Laymert Garcia dos Santos descreve minuciosamente o fascinante processo de criação da ópera intitulada “Amazonia – Teatro música em três partes”, uma colaboração única entre os Yanomamis, um grupo de artistas alemães e outro composto por brasileiros. Neste relato, Laymert mergulha em detalhes sobre como

¹ Universidade do Vale do Itajaí, tom.reik@gmail.com

² Universidade Federal de Rondônia, ileziane2@gmail.com

³ Universidade Estadual do Rio de Janeiro, ronald.lopez80@gmail.com

essa fabulação artística foi concebida, destacando a função do encontro entre diferentes culturas. Os Yanomamis contribuíram com a ópera juntando sua sabedoria ancestral com os artistas alemães e brasileiros. O texto de Laymert Garcia dos Santos nos revela a intensidade das trocas culturais, as dificuldades superadas e a magia que envolveu cada etapa durante a montagem da ópera. Ao nos envolver nessa narrativa, somos convidados a apreciar a profundidade da colaboração do diferente, que resultou em uma experiência artística marcante. Peter Sloterdijk percebeu que, durante a montagem e realização da ópera, parecia que todos manifestaram uma “dor amazônica”, isto é, a dor de uma perda ou da iminência de uma perda. É como se o canto dos participantes buscasse o Uirapurú, mas a música estaria sujeita por uma situação de ameaça. Ouvir os Yanomamis é ouvir o que a floresta tem a dizer sobre o diferente. Qual a dor de cada humano ou não-humano carrega? Quais dispositivos expressivos ou não, é preciso ativar ou inventar para lhes dar voz como fundamento democrático de uma sociedade política? Referência BERNAUER, J. O Amazonas como ópera: onde artemídia e teatro musical contemporâneo se encontram como os rios Negro e Solimões”. In E. Bolle, E. Castro, M. Vejmelka (org.) Amazônia – Região universal e teatro do mundo. Ed. Globo, São Paulo, 2010, pp. 279-301. HALBERSTAM, J. A arte queer do fracasso. Libanio, Bhuví. Recife: Cepe, 2020. MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. PRECIADO, Paul B. Um apartamento em Urano: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PALAVRAS-CHAVE: Discriminação, dor amazônica, política

¹ Universidade do Vale do Itajaí, tom.reik@gmail.com

² Universidade Federal de Rondônia, ileziane2@gmail.com

³ Universidade Estadual do Rio de Janeiro, ronald.lobes80@gmail.com